

Gerardo Seguel, poeta e professor de Arte e Desenho

Ana Mae Barbosa
Brasil

Resumo: O trabalho analisa textos de Gerardo Seguel, intelectual do Chile, que escreveu em jornais brasileiros em 1930. Seguel era professor de Arte e escreveu um livro sobre a arte das crianças. Sua internacionalismo e seu objetivo de integrar a América Latina estão assinalados no trabalho. Era amigo de Cecília Meireles e um poeta como ela. Ele analisou de forma muito positiva a Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, a mais radical reforma feita no Brasil até agora.

Palavras Chave: Gerardo Seguel, Integração Latino-Americana, Arte-Educação.

Resumen. El trabajo analiza textos de Gerardo Seguel, intelectual de Chile, que escribió en periódicos brasileiros en 1930. Seguel era profesor de arte y publicó un libro sobre el arte de los niños. Su internacionalismo y su objetivo de integrar América Latina se enfatiza en su trabajo. El fue amigo de Cecilia Meireles y poeta como ella. Analizó de forma muy positiva la Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, la reforma más radical en Brasil hasta ahora.

Palabras clave: Gerardo Seguel, Integración Latinoamericanas, Arte Educación.

Abstract. The paper analyses texts of Gerard Seguel, intellectual from Chile who wrote in Brazilian newspapers in 1930. Seguel was Art Teacher and wrote a book on Children Art. His internationalism and his aim to integrate Latin America are stressed in the paper. He was friend of Cecília Meireles and a poet like her. He analysed very positively the Fernando de Azevedo Educational Reform, the more radical one in Brazil till now.

Key words: Gerardo Seguel, Latin American Integration, Art Education.

Numa palestra memorável no CCBB^{iv} de São Paulo, em março de 2011, o designer Philippe Starck advertiu os brasileiros sobre a responsabilidade política, cultural e criativa que o Brasil tem hoje, já que despontou como país emergente com força para influir nos destinos do mundo. Vejo a importância destas categorias de responsabilidades principalmente em relação a nós mesmos.

Chega dos países que não souberam se comportar bem querendo exportar suas mazelas como novidade para nós. Chega de copiar ideologias, métodos, sistemas. Temos também de evitar a tentação de exercer poder sobre outros países. Passamos no Brasil o século XX todo tentando nos aproximar dos outros países Latinoamericanos, mas sonhando com a Europa, ultimamente com a Espanha, mais acessível do ponto de vista linguístico. Foi impossível vencer a dificuldade de cortarmos o cordão umbilical com a Europa e acredito que isto não seja desejável, sendo a atitude correta o redirecionamento para um equilíbrio intercultural de forças. Tentamos antropofagiar^v a Europa e em muitos casos só conseguimos copiá-la e macaqueá-la. Resta-nos hoje termos consciência das relações históricas que estabelecemos de submissão, diálogo, ruptura e privilegiar as inter-relações culturais de igualdade.

Acabo de vir da Espanha de um curso que dei em Girona e volto reenergizada pelo diálogo para mergulhar fundo em minhas pesquisas de história do Ensino da Arte. Acredito que a história é regeneradora, reveladora e válvula propulsora em direção ao futuro.

Aloísio Magalhães, designer culturalista que no Brasil rompeu com a hegemonia da Escola de Ulm que importamos, usava uma metáfora interessante para defender a necessidade de história. Dizia que quanto mais puxarmos a borracha do estilingue para trás mais longe lançaremos a pedra para frente.

Outro dia, lendo uma entrevista de Alfredo Bosi na *Revista É*, do SESC^{vi}, me deparei com afirmações sobre o ensino da Literatura com as quais concordo integralmente e que são aplicáveis também ao Ensino das Artes e das Culturas Visuais. Dizia ele: “Agora, de minha parte, eu continuo achando que, na história, o antes vem antes do depois.”^{vii}

Existe certa experiência cumulativa pelo tempo...

E, se você não conhece esse fluxo que vem do passado, fica parecendo que cada geração, digamos, inventou a roda. Você não sabe porque certos temas voltam, e voltam de maneira diferente. Você fica sem apoios de comparação quando seu estudo é todo assim fragmentado. Mirzoeff, a quem achava eurocêntrico, se redimiou numa entrevista a Inês Dussel dizendo:

Y el otro punto es que creo que hay que enseñarles historia a los estudiantes. Los jóvenes hoy tienen una relación con la historia distinta de la que nosotros teníamos, y tiene que ver, al menos en parte, con una comprensión diferente del lugar del futuro, aunque también se predica algo distinto sobre el pasado... Hay que argumentar por qué es importante historizar, porque ya no es más evidente por sí solo. La cultura actual suele decir que, si está en el pasado, ya no importa. Tenemos que argumentar mejor que el pasado no es sólo pasado sino que sigue activo en el presente. El tema con la historia es que “no pasó”, sino que sigue aquí.^{viii}

Uma área de estudos sem História é facilmente dominada e manipulada.

Pesquisa em jornais e revistas

As revistas e jornais são fontes ambíguas de informações históricas, diferentemente dos livros, que buscam argumentar com improváveis certezas.

A diversidade de posições políticas, críticas e ideológicas dos artigos de uma revista provoca choque de ideias, ambiguidades, incertezas. Por isso, estou pesquisando há quase seis anos a história do ensino da Arte em meu país, em revistas e jornais brasileiros dos anos vinte aos anos quarenta do século XX. Aconteceu durante estas décadas a modernização do Ensino da Arte no Brasil pós-antropofágico. Tínhamos consciência de nossa condição de colonizados e nos propúnhamos a superá-la através da assimilação e transformação, isto é, aprender com a Europa e transformar o que aprendêssemos para privilegiar nossa própria cultura que sabíamos ser bem diferente da cultura de nossos colonizadores. A dominação cultural do colonizador os empodera; submetemo-nos à cultura do colonizador nos desempodera.

Foram diálogos como estes que tivemos em Girona, com os alunos de Joan Vallés e Roser Juanola. Extremamente críticos acerca da educação e da vida contemporânea, os alunos do mestrado em Educação Artística da Universidade de Girona são, por outro lado, inventivos e operativos em direção a uma relação democrática e não submissa, questionadora e não apenas sedutora, entre professores e alunos.

Como diz Humberto Maturana:

A democracia é um projeto de convivência que se configura momento a momento, porém para viver isso, tem-se que dar lugar à sinceridade. Não é um âmbito de luta. Não se ascende democraticamente ao poder. Não existe poder. E enquanto pensamos que

tudo o que está em jogo é uma luta pelo poder somente o que vamos criar são dinâmicas tirânicas, vamos passar de uma pequena tirania a uma outra pequena tirania.^{ix}

Nas minhas pesquisas de jornais e revistas cheguei à conclusão que o período mais rico em discussões sobre cultura e educação no Brasil foi o que transcorreu entre os anos de 1927 a 1936. Na metade da década de 1930 se instalou no Brasil uma ditadura ferozmente anticomunista e, segundo alguns, pró-nazista, sob o comando de Getúlio Vargas. Perseguiram educadores e instalaram a censura em todos os meios de comunicação.

Foi no período de efervescência democrática (1927 a 1936) que os esforços para estabelecer relações com a América Latina se agudizaram. As novas escolas construídas no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, tinham nomes de países Latinoamericanos e os presidentes dos países homenageados vinham ao Brasil inaugurar os edifícios, fazer discursos e dar entrevistas a jornais e revistas. A relação com o México foi potencializada pelas visitas de José Vasconcelos ao Brasil.

A escritora Cecília Meireles tinha uma página de Educação no Diário de Notícias, onde frequentemente escreviam escritores latino americanos. Passei muito tempo pesquisando quem era Gerardo Seguel que, em 1930, escreveu na página comandada por Cecília Meireles.

Descobri que foi também, como a própria Cecília Meireles, um ativista da integração iberoamericana. Ele circulou por onde hoje circulamos motivados pela OEI, Organização dos Estados Iberoamericanos, com esperanças semelhantes, desejos de integração e espírito internacionalista democrático.

Gerardo Seguel era Professor de Desenho na Escola Normal “José Abelardo Nuñez”, no Chile, poeta e intelectual importante em seu país. Publicou o livro *Fisonomia del Mundo Infantil*^x. Trata-se de um estudo sobre o desenho infantil. No Brasil nos anos 1920 temos estudos semelhantes feitos por Nereu Sampaio^{xi}, Sylvio Rabello^{xii} e Edgar Sussekind de Mendonça. Segundo L. H. Errázuriz, o livro de Seguel foi o primeiro livro dedicado de forma específica ao tema no Chile. Diz ainda este mesmo autor sobre o livro de Seguel:

Este pequeno livro, que foi publicado em Santiago no ano de 1929 pela Imprenta El Esfuerzo, contém, entre outros temas, referências específicas às etapas da arte infantil,

suas vinculações com a arte primitiva, uma breve resenha sobre o valor educativo do cine e a reprodução de desenhos em preto e branco. Cabe destacar que na bibliografia desta obra se citam autores tais como Freud, Dewey e Ferrière. Neste sentido há que se ter presente que o interesse pela atividade artística criadora das crianças esteve fortemente influenciado pelas idéias pedagógicas da nova educação, a qual, pela sua concepção ativa de escola, privilegiou a espontaneidade e participação da criança nos processos educativos. Em consequência, as teorias de Rousseau, Ferrière e Dewey, para nomear apenas alguns, serão chaves para compreender a origem deste movimento.

É curioso que a revolução educacional dos anos 1920/1930 ficou conhecida entre nós no Brasil por Escola Nova, enquanto Seguel e muitos hispano-americanos a chamavam de Nova Escola.

Não estranho Seguel ter colaborado no Brasil com o *Diário de Notícias* na página de Educação dirigida por Cecília Meireles. Ambos tinham um perfil intelectual semelhante: os dois eram poetas, críticos de literatura, professores e apaixonados pela modernização da educação, especialmente pelo cinema na escola. Além disto, não apenas defendiam a integração Latinoamericana, mas também tinham ação e trânsito cultural entre a América Latina, Portugal e Espanha, publicando em revistas e jornais iberoamericanos. Ainda mais, Seguel, como Cecília, era um entusiasta da Reforma Fernando de Azevedo^{xiii} no Distrito Federal (Rio de Janeiro) e escreveu um belo artigo elogiando-a na revista *Seara Nova* de Portugal, em 1930, intitulado “Significado social da revolução brasileira.” Foi seu primeiro artigo naquela revista. Em 1931 escreveu mais três artigos na *Seara Nova*: “Simon Bolívar, La accion del magisterio en la América Latina” e “Um congresso pedagógico em Espanha”. Esta revista era tão importante que apesar de ser republicana conseguiu sobreviver durante a ditadura em Portugal. Seu primeiro editorial depois da revolução de abril foi escrito por Saramago. Mesmo assim, ironicamente a democracia não tem aliviado os problemas que enfrenta para sobreviver.

Nesse período Seguel morava na Espanha. Visitou os mais importantes centros educacionais europeus da época. Uma visita sua consta do livro de visitantes do Instituto de Orientação Profissional, em Portugal, dirigido pelo pedagogo Faria de Vasconcelos, que também escreveu acerca do desenho da criança, assunto recorrente entre os pioneiros da época, e deu palestras sobre o assunto no Instituto Jean Jacques Rousseau em Genêvè, de fama internacional. O IJJR era tão famoso naquela época quanto a Escola da Ponte de

Portugal ou as escolas de Reggio Emilia o são hoje. Faria de Vasconcelos também trabalhou com grande sucesso na Bolívia, tendo se casado com uma boliviana.

Comprovei que Seguel efetivamente viveu no Brasil em 1930, pois consta no texto “Notas de viaje a Ouro Preto” de Jules Supervielle, publicado na *Revista Sur*, a seguinte frase: Sábado 12 de julio de 1930 “Sin embargo mañana dejaré esta ciudad que conozco tan mal todavía (referia-se ao Rio de Janeiro)...”. “Rumbo a Ouro Preto con mi amigo Gerardo Seguel, amigo de Neruda y de Díaz Casanueva, notables poetas chilenos los tres.”^{xiv}

Além disso, Seguel entrevistou Claparède na chegada dele ao Rio de Janeiro, ainda no navio, no dia 14 /9 /1930. Eis a entrevista:

Um eminente pedagogo suíço hóspede do Rio. O professor Claparède, vindo ontem pelo “Conte Rosso”, concede rápida entrevista ao O Jornal. Claparède, o grande psicologista suíço de renome universal, desde ontem está no Rio. É uma notícia auspiciosa esta, para os nossos homens de estudo e de cultura.

Na biografia latina não existe obra mais notável sobre o assunto do que “La psychologie de L’enfant et pedagogie experimentale”, de Claparède, hoje na sua undécima edição na língua original, além de tantas traduzidas para os idiomas dos povos cultos. Notáveis como sua obra escrita são as suas pesquisas originais no domínio neurobiológico, entre as quais avultam os estudos sobre agnosias, sono, histeria, ergografia, associação de ideias, diagnóstico das aptidões e “testes” mentais. O seu laboratório de psicologia da Universidade de Genebra tem oferecido ao mundo científico trabalhos notáveis de discípulos seus, bem como o instituto de Ciências de Educação ou o Instituto Jean Jacques Rousseau, por ele fundado, onde a seu lado pontificam outros educadores de renome, como Piaget, Bovet, Léon Wather e mme. Antipoff, os dois últimos contratados pela Universidade de Minas Gerais”

Viajou o acatado mestre suíço no “Conte Rosso” que aportou à Guanabara às últimas horas da noite, atracando ao cais do porto já aos primeiros minutos de hoje.

Tivemos a bordo do luxuoso transatlântico italiano oportunidade de ouvir o grande professor suíço que pela primeira vez viaja para a América do Sul.

Modesto, extremamente simpático e acolhedor, o professor E. Claparède atendeu-nos, prazerosamente, dizendo-nos sobre a visita que ora nos faz:

- Há muito alimento o desejo de visitar o Brasil de que tantas e tão boas notícias me vão ter às mãos, enviadas que são por antigos discípulos que aqui residem. Tive sempre esperança de realizar essa viagem, não o fazendo, há mais tempo, em virtude dos afazeres incontáveis que me impossibilitaram de deixar a Suíça. Quando, porém se me apresentou oportunidade não vacilei em aceitar o convite que me foi feito por carta

dirigida pelo Sr. Gustavo Lessa. E parti incontinentemente para cá, aonde afinal chego cheio de satisfação.

Falou-nos após o grande professor de seus antigos discípulos hoje residentes no Brasil. Referiu-se a Radescky, polonês de origem, mas brasileiro naturalizado, mme. Antipoff,^{xv} Francisco Reis e outros, elogiando-os pela aplicação que sempre demonstraram e pelo talento revelado. Espera agora vê-los todos e abraçá-los com saudade.

Tratando das conferências que deve realizar aqui, disse-nos o professor Claparède:

- Minha partida, como já afirmei, foi feita sem demora, logo após o recebimento do convite que me foi feito. Assim, não organizei as conferências, nem se quer as esbocei. Aqui é que vou tratar de tudo, organizando então um pequeno curso.

Falara-nos o velho mestre, enquanto o navio vencía a distância que separava o ancoradouro do cais do porto. Atracado no navio, foi ele invadido por inúmeras pessoas, entre as quais antigos discípulos do velho professor, que dele se acercaram, forçando-nos assim a encerrar a entrevista.

No mesmo dia Sequel escreveu no *Diário de Notícias* um longo artigo sobre a importância de Claparède para a Educação que também transcrevo em parte.

O prestígio de Claparède na Nova Educação **Gerardo Seguel** (Especial para a Página de Educação)

O fundador do “Instituto Jean Jacques Rousseau”, de Genebra, nasceu em Champel, na Suíça, a 24 de março de 1873; fez seus estudos em Genebra e Leipzig, doutorando-se em medicina. A prática a que se dedicou, em Genebra, da psicoterapia, determinou-lhe o destino de grande psicólogo que agora é. As experiências ali realizadas foram, na verdade, os primeiros passos para a formação da sua personalidade...

Em 1912, com a fundação do Instituto Jean Jacques Rousseau, acompanhado de Bovet, Ferrière e principalmente de seu célebre discípulo Jean Piaget, não só se estabelece o tipo do novo educador, como também se pode dizer que, desse Instituto surge em grande parte a atmosfera que impregna a atividade da Nova Escola. O Instituto Jean Jacques Rousseau, revela claramente o sentido da moderna pedagogia na divisa que o define: “Aprenda o mestre como a criança”....

O prestígio de Claparède na Nova Educação

Tão verdadeiro é, para a Nova Educação, o prestígio de Eduardo Claparède que, sem a sua obra investigadora, talvez a pedagogia moderna continuasse apenas com muitas pesquisas esparsas, todas de grande valor, sem dúvida, mas talvez desorganizadas. E o melhor testemunho desse fato está nestas palavras que o pedagogo espanhol Domingos Barnés^{xvi} dedica a Claparède no princípio do seu livro: ‘O desenvolvimento da criança’;

“De tal maneira tem influido Claparède nos pedagogistas contemporâneos que não só os vemos recolherem suas conclusões, indicando-lhes ou não a procedência. Como também – o que para nós tem mais valor – recolhendo os problemas que ele, originalmente descobre, e ainda adotando a mesma forma de os tratar.”

Quando a nova educação avança já por diversos caminhos, resumindo seus elementos no conjunto doutrinário que hoje constitui já um todo orgânico, foi o psicólogo Claparède quem primeiro perguntou a si mesmo: “Para que serve a infância?” Toda a sua obra, como a obra de toda a psicologia atual – outra coisa não é que uma resposta a esta frase, que era também uma oculta pergunta unânime.

A Escola sob medida

Como em Kerschensteiner, em Krieck^{xvii} e em John Dewey, encontramos em Claparède, Bovet e Piaget a organização filosófica desta educação que bem merece o nome de nova, porque, na verdade, não prolonga ou acomoda ao presente as ideias do seu século passado mas, pelo contrário, combate-as energicamente, aproveitando, apenas, as experiências herdadas, e recebendo-as numa posição psicológica antagônica à de outrora.

Deve-se Claparède a expressão mais clara sobre o conceito do *paido-centrismo*: e uma pedagogia baseada nos interesses da criança, como ponto de partida, que os conheça e os sirva respeitando-os através das suas diferentes variações. A ele melhor do que a ninguém devemos o reconhecimento dos valores infantis, quando nos diz que a criança não é uma miniatura do homem, senão uma fase da vida humana com interesses próprios, e que tem, portanto, seus direitos. Investiga, então, Claparède, as diversas fases da vida infantil, situando em cada uma os interesses dominantes: a psicologia descobre as necessidades espirituais, a que a pedagogia atende por meio de seus instrumentos; - o mestre e o ambiente escolar.

As variações desses interesses, que são claros sintomas de funções naturais, dividem-se segundo o psicólogo em: *interesses* e *aquisição*, até os 12 anos; de *organização*, até os 18 anos e, posteriormente, de *produção*.

Formulada dessa maneira a infância, Claparède em seu livro “A escola sob medida”, passa a falar-nos, com abundantes argumentos, da necessidade de submeter a escola às medidas da criança.

Bem sabe que as leis que reformam o ensino são manifestações efêmeras e vazias de qualquer significado transcendental se não as acompanha o fervor coletivo do magistério. Assim podemos interpretar aquelas palavras do prefácio de um de seus livros: “O fato de ser a pedagogia, mais do que nenhuma outra disciplina, obra das “autoridades” (eclesiásticas e civis) explica claramente o tradicionalismo que a caracteriza. Já se viu algum dia, uma autoridade fazer uma revolução? Não foi, certamente, o Papa que fez a Reforma, nem um Luiz de França que derrubou a Bastilha”.

Numerosos são os aspectos da personalidade deste homem, e muitas suas virtudes pedagógicas; não poderíamos enumerá-las todas neste reduzido artigo. Mas, por essas qualidades todas e que, quando se fizer a história da Nova Educação, Claparède aparecerá como uma das figuras mais importantes e admiradas desta época.

Depois da temporada no Brasil e na Espanha, Seguel voltou para o Chile, mas não sei exatamente em que ano. Os amigos dizem que havia se tornado comunista na Espanha Não sei ainda se ele participou na Guerra Civil Espanhola. Morreu cedo, em 1950^{xviii}, aos 48 anos e deixou duas obras sobre poetas chilenos citadas até hoje e livros de poesia. Portanto, o ensino da Arte o esqueceu, mas a Literatura guarda sua memória e o comemora.

Encontrei dois artigos dele sem data no livro de recortes de Fernando de Azevedo no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Posteriormente encontrei no *Diário de Notícias* mais um artigo assinado por ele datado de 13 de julho de 1930. Creio que os três artigos também tenham sido publicados em 1930, pois não encontrei nenhum outro datado de outros anos. Curiosamente encontrei também no IEB/USP uma carta de Cecília Meireles para Fernando de Azevedo de 20/7/1931 que diz: “Junto com esta carta envio a pedido de meu amigo Prof. Gerardo Seguel um número da *Revista Pedagógica de Madrid* que vem um artigo sobre sua reforma. Isto servirá para lhe demonstrar mais uma vez que não houve, apenas, mas continuará a haver um grupo de criaturas dispostas a defender essa obra que o Sr. quis oferecer ao Brasil”. Acrescentava ainda o endereço de Gerardo Seguel, Españaoleto, 12, Madrid, numa delicada sugestão para Fernando Azevedo responder a ele.

Contudo Seguel já era conhecido de Fernando de Azevedo pelo menos através dos artigos que encontrei nos riquíssimos livros de recortes que Fernando de Azevedo legou para a posteridade. Transcrevo a seguir pequenos textos de um dos artigos de Seguel.

Os limites da escola do trabalho

Diário de Notícias 10/07/1930

...A escola tem sido, sem dúvida uma das mais acentuadas preocupações humanas destes últimos tempos, talvez porque nela vemos refletir-se toda uma época. Apesar das hesitações naturais que sofre, hoje já podemos extrair a substância espiritual que a anima, buscar seu denominador comum. É por isso mesmo que já podemos evitar as confusões prejudiciais ou as subordinações interessadas.

Sem dúvida de muito longe vem a Nova Educação, elaborando-se a cada passo que dava, até encher sua medida ideal.

Por isso, em todas as formas da nova educação encontramos algo que nos fala das outras preocupações da vida atual. Do ponto de vista histórico, a zona onde começa a ser visível o espírito da educação ativa, é Pestalozzi, nele, apesar do caráter marcadamente finalista da “Casa de Educação para os Pobres”, se salva pela abundância fervorosa da alma desse educador; continua-se com Froebel o mesmo sentido educativo. Depois deles ninguém manteve os verdadeiros tributos pedagógicos assim tão puros, até a época atual, quando uma imensa quantidade de preocupações afins lhe emprestam sua solidariedade. A atual educação, mais do que um corpo metodológico, significa um novo conceito da vida infantil e da vida total, sobretudo representa uma esperança da humanidade...

Esta atitude é francamente solidária com a Escola Intuitiva de Pestalozzi. Dessa aspiração e do ambiente de atividade nasce agora com Bovet o nome de Escola Ativa, com Claparede o de Educação Fundamental: na Itália com Lombardo Radice, denominando-se Escola Serena, e na Alemanha, com Kerchensteiner, Escola do Trabalho, e posteriormente, na Rússia, Escola Produtiva. No fundo inicial todos estes nomes obedecem ao mesmo princípio de constante atividade criadora que deve proporcionar a escola e é só em algumas particularidades que eles se diferenciam, particularidades que às vezes, não passam de simples nomes diversos mas que, em outras, obedecem a interesses estranhos à educação que penetraram o campo desta. Mas já é hora de assinalá-los para manter íntegro o prestígio da intenção essencial...

Ao novo sentido da atividade, associa-se o conceito já expresso por Locke: “Nada existe no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos. E Dewey, nos Estados Unidos dizia: “Não existe nenhum trabalho manual que não precise de um complexo exercício psíquico”. ...

Neste setor da escola do trabalho, encontramos agora os pedagogos russos Bolskij e Pistrak.^{xix} Eles respeitam o processo educativo no seu sentido de extensão ou seja em fases sucessivas: mas o saturam de preocupações industrialistas. Obedecem ao desejo de fazer predominar na sociedade o tipo de produtor manual. As ideias de Dewey, embora mais amplas, pertencem na sua intenção a este conceito, dominante também nos Estados Unidos.

Não pode ser estranha, a quem penetrar, sem partidarismo, interessado no estado psicológico da América do Norte e da Rússia, essa fraternização básica dos seus sistemas educativos, porque ambos os países obedece a um exercício de domínio materialista na vida humana. Trata-se de duas sociedades de diferentes orientações, mas dentro do mesmo plano psíquico. (Assim se explicam facilmente os elogios de Dewey, quase sem reservas, à escola soviética)....

Sem ir mais longe, na Reforma do Distrito Federal, encontram-se ligeiros rasgos neste sentido que através de Dewey se deixaram ver. Igualmente na organização mexicana. A nova educação não compreende o direito de fazer das crianças o que se quiser. A educação –como diz Wineken^{xx}– pertence ao domínio do espírito e não aos acidentes

políticos. Não há dúvida de que a humanidade caminha para uma mais justa distribuição do seu tesouro material e espiritual, mas nós não podemos usar a escola como militante, e determinar, à nossa vontade, um tipo social prematuramente escolhido.

Seguel termina um de seus artigos com a citação do pedagogo espanhol Domingo Barnés, que foi Ministro da Educação na Espanha do período republicano, impulsionador de experiências educacionais admiráveis. Até hoje há na Espanha uma certa nostalgia pela perda da vitalidade educacional que dominava a segunda República (1931-1939). Estive em 2008 em um evento que finalizou um curso de atualização de professores em Madri e todos que falaram se referiam com entusiasmo ao modelo educacional da República. É pois com a fala apreendida por Gerardo Seguel de um herói educacional da República espanhola que termino este artigo, desejando que se intensifiquem os diálogos interculturais na Arte/Educação iberoamericana resignificando nossa relação para além do neo-colonialismo.

A vida está tecida de sonhos e muitos deste sonhos foram sonhados na infância.
A criança espreita para reviver no homem enfraquecido; no homem melancólico ou
nostálgico; no homem cansado; quando sobrevém o medo e também quando
florescem sentimentos novos.

Domingo Barnés

Referências

- BOSI, A. (2010) Entrevista à *Revista É*. São Paulo: SESC, jan 2010, n. 7, ano 16, p. 14.
- DUSSEL, I. (2009) Entrevista con Nicholas Mirzoeff. La cultura visual contemporánea: política y pedagogía para este tiempo. Buenos Aires: *Propuesta Educativa* 31, 2009 p. 69 - 79.
- ERRÁZURIZ, L. H. (1994) *Historia de un área marginal: la enseñanza artística en Chile, 1797-1993*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile.
- PISTRAK, M. (1981) *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- ROS, R. María Cardá, CAPELL, Heliodoro Carpintero. (1991) *Domingo Barnés: biografía de um educador avanzado*. *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, n. 12, 1991 p. 63 -74.
- SUPERVIELLE, J. (1931) Notas de viaje a Ouro Preto. *Sur*, Verano 1931, Año 1, Buenos Aires, p.74- 75

Dra. Ana Mae Barbosa fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Criou o primeiro mestrado e doutorado na linha de pesquisa em Ensino e Aprendizagem da Arte no Brasil, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o único no país por quase 15 anos. Hoje são mais de 14 mestrados e doutorados, muitos dos quais criados por egressos da ECA/USP. Foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP e Presidenteda INSEA. Escreveu mais de 20 livros sobre Arte e Arte/Educação.